

## Literaturas contemporâneas e questões étnico-raciais

Felipe Fanuel Xavier Rodrigues

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FAPERJ)

[ffanuel@gmail.com](mailto:ffanuel@gmail.com)

**Resumo:** O presente trabalho realiza um estudo das literaturas contemporâneas de escritoras selecionadas de ascendência africana no Brasil e nos Estados Unidos. As autoras são lidas a partir de um prisma cultural, político e social cuja abrangência permite investigar o efeito das literaturas de afrodescendentes em contextos descolonizados das Américas, nos quais as desigualdades de classe, gênero e raça ainda persistem, apesar de eclodirem em ambientes formalmente democráticos. Por meio do entrecruzamento da criação literária de mulheres negras, proposto por este trabalho, as questões étnico-raciais e identitárias relativas às trajetórias de sujeitos da diáspora africana são examinadas em paralelo com revisões de tópicos da crítica literária, especialmente com a releitura da contribuição intelectual de Carol Boyce Davies, Frantz Fanon, Henry Louis Gates e Homi Bhabha, entre outros. Ao investigar comparativamente as literaturas contemporâneas de autoras afro-brasileiras e afro-americanas, a pesquisa também realça o viço de imagens, mitos e tradições da Diáspora Africana, representados em formas narrativas. Por intermédio de suas produções literárias, as escritoras de origem africana enfrentam os limites impostos à sua subjetividade e lançam mão da literatura como armamento de luta cultural. Com o domínio da arte da palavra, as autoras vocalizam suas experiências como agentes de afirmação e contestação que desafiam as várias formas de violência epistêmica, física e psíquica às quais as mulheres afro-americanas e afro-brasileiras são historicamente submetidas. As implicações sociais e históricas das produções literárias de escritoras afrodescendentes contribuem para ampliar as possibilidades de impacto cultural das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 na formação educacional brasileira.

**Palavras-chave:** Literatura afro-brasileira; literatura afro-americana; escritoras negras; questões étnico-raciais.

### INTRODUÇÃO

No Brasil, país que abriga a segunda maior população negra do mundo depois da Nigéria com 51% da população se autodeclarando preta ou parda, (Silva & Goes, 2013, p. 16) a histórica ausência de estudos acerca da literatura de afrodescendentes faz-se notada. Os poucos autores brasileiros negros que fazem parte do cânone literário dificilmente são estudados como literatura afro-brasileira, afrodescendente ou negra. Por exemplo, Machado de Assis, o maior escritor brasileiro, recebeu escassa atenção como escritor negro, o que ocasionou uma imagem inexata de um homem que se omitiu em relação aos problemas sociais de seu tempo e que renegou suas origens. (Duarte, 2009, p. 9) No que diz respeito à obra de escritoras de origem africana no Brasil, não se trata apenas de questões de cor, mas de falta de apreço à sua existência. Durante anos, a crítica ignorou nomes como Rosa Maria Egípciana da Vera Cruz, autora de *Sagrada Teologia do Amor de Deus, Luz, Brilhante das Almas Peregrinas*, o mais antigo livro escrito por uma mulher negra no Brasil setecentista, (Mott, 2005) e Maria Firmina dos Reis, a afro-brasileira que escreveu *Úrsula* em 1859, possivelmente o primeiro romance de autoria de uma mulher nascida no país. Com

exceção de uma *avant-garde* crítica dedicada às criações de afrodescendentes, cujo trabalho não somente rende arqueologia literária de figuras obscuras do passado, mas também mapeia a produção de quem escreve à margem nos dias atuais, (Duarte, 2011; Machado, 2015; Pereira, 2010; Salgueiro, 2004, 2012) a voz de autoras e autores negros, contemporâneos e distantes, continua a ser desconsiderada nos círculos majoritários da pesquisa literária.

Os primeiros estudiosos a se interessarem pela literatura afro-brasileira não atuavam na área de Letras, mas de Ciências Sociais e História. Com isso, em virtude do método de distanciamento próprio desses campos do conhecimento, o sujeito negro, enquanto autor e personagem, foi visto e estudado como objeto sociológico e histórico. A relevância da condição do sujeito negro não recebeu atenção devida, embora os africanos e seus descendentes compusessem uma parcela significativa da população brasileira desde os tempos coloniais. (Silva, 2011) Assim, no âmbito literário, permanece a construção de estereótipos literários no discurso sobre o negro. (Bastide, 1973) Essas representações socioculturais negativas atingem não apenas o sujeito escravizado, mas também seus descendentes, embora vivam em uma sociedade que se reconheça como democrática. Nesse cenário, as imagens e representações do negro estão submetidas a atribuições sociais cujo objetivo é a delimitação de um lugar socialmente inferior para esse sujeito.

Nos Estados Unidos, a literatura afro-americana eclodiu como uma luta cultural. As pessoas de ascendência africana que foram escravizadas em território estadunidense recorriam aos seus textos para denunciar as atrocidades da escravidão e testemunhar suas jornadas de libertação. O domínio da tradição beletrista constituiu uma possível saída da condição de escravo. Desafiando concepções distorcidas que rebaixavam sua humanidade, os primeiros escritores afro-africanos demonstravam por meio de suas obras que possuíam os requisitos para serem reconhecidos como seres humanos com inteligência e talento para criarem literatura. Todavia, não faltavam barreiras para impedir a publicação de suas produções. Phillis Wheatley, a primeira pessoa negra a publicar um volume de poesia, passou pelo crivo de dezoito homens brancos proeminentes, os quais finalmente atestaram a autoria de sua obra, a despeito do que sua criação *Poems on Various Subjects, Religious and Moral* só foi impressa em Londres em 1773, pois os tipógrafos de Boston recusaram-se a publicar seu livro.

Ao longo dos anos, o *status* das escritoras afro-americanas foi gradualmente alterado, o que se comprova no Prêmio Nobel de Literatura concedido a Toni Morrison em 1993. Além de Morrison, desde 1970, várias escritoras negras estadunidenses se destacam por sua escrita, obtendo reconhecimento, através de prêmios literários, maior do que gerações anteriores de autores

afrodescendentes, bem como atingindo um público leitor variado para além das fronteiras raciais. Além disso, expandiu-se a oferta de cursos universitários de literatura negra nas universidades. Ainda assim, a legitimidade da literatura afro-americana continua a ser questionada em círculos acadêmicos, fato que se nota, especialmente, na atitude de professores brancos que desencorajam pesquisas que versam sobre o tema. A objeção aos préstimos dessa literatura tem raízes no iluminismo e na escravidão que, ao rebaixarem a humanidade do negro, legaram aos literatos afrodescendentes “fardos extraliterários”. (Gates & Smith, 2014, p. xlii)

## **JUSTIFICATIVA**

O estudo das literaturas de mulheres negras está em consonância com os esforços da comunidade internacional para combater a discriminação racial em todas as esferas da sociedade e divulgar o conhecimento a respeito da herança cultural das pessoas negras e suas contribuições fundamentais para a humanidade. Para isso, a ONU estabeleceu o decênio de 2015-2024 como a Década Internacional dos Afrodescendentes, reconhecendo a urgência da promoção e proteção dos direitos humanos de um contingente de aproximadamente 200 milhões de pessoas de ascendência africana espalhadas pelo mundo.

Além disso, a pesquisa contribui para uma discussão ampla sobre Diáspora Africana, entendida na academia como relacionada a localidades geográficas, para onde pessoas oriundas da África, em algum momento, imigraram, de modo forçado na maioria das vezes, e participaram da formação de culturas nacionais. Trata-se, entretanto, de um “movimento fluido de pessoas e de ideias dos dois lados do Atlântico”, representando, assim, “um espaço global, uma teia mundial, que ocasiona tanto o continente mãe como qualquer lugar do mundo em que sua prole tenha sido impulsionada pelas forças cruéis da história.” (Okpewho *et al.*, 2001, p. xiv) Com a ressalva de que o termo “África” consiste em “uma construção moderna, que se refere a uma variedade de povos, tribos, culturas e línguas cujo principal ponto de origem comum situava-se no tráfico de escravos”, (Hall, 2011, p. 30-31) cabe a asserção de que tanto os EUA como o Brasil, ao longo de suas histórias, têm sido influenciados pelas tradições culturais de origens africanas. Essa influência forjou novas manifestações culturais, frutos, em sua maioria, de um novo contexto formado pelo “choque” entre diferentes culturas. (Coutinho, 2003) Da situação colonial, marcada pela escravização de pessoas negras, foram herdados problemas sociais que não seriam apagados da literatura contemporânea de ambos os países, mormente aquela produzida por mulheres negras.

No Brasil, as leis 10.639/2003 e 11.645/2008 incluem no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. O texto legal cita a área de Literatura, juntamente com Educação Artística e História como áreas em que a temática seria tratada “em especial”. Portanto, o estudo das implicações sociais e históricas das produções literárias de escritoras afrodescendentes contribui diretamente para ampliar as possibilidades de impacto das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 na formação educacional brasileira.

## **OBJETIVOS**

O presente trabalho busca melhorar o entendimento das literaturas contemporâneas de escritoras afrodescendentes na Diáspora Africana, especialmente no Brasil e nos Estados Unidos, que abrigam as duas maiores populações negras fora da África. O estudo crítico aproxima vidas, obras e contextos de autoras afrodescendentes na contemporaneidade, documentando a trajetória de sujeitos que reivindicam tradições e heranças africanas em suas obras. A participação militante dessas escritoras em lutas contra discriminação de ordem variada, como racismo, sexismo e intolerância com religiões de origem africana indica a relevância social de textos literários negros apesar dos limites ainda impostos à subjetividade das pessoas afrodescendentes em sociedades democráticas.

## **MÉTODO**

Os textos são lidos pelas margens dos estudos literários, destacando a importância de sujeitos cuja escrita está vinculada ao seu processo de formação identitária. O trabalho se atenta aos “entre-lugares” (Bhabha, 2010) nas experiências de afrodescendentes narradas em suas obras literárias. Nas análises, recorre-se ao tropo “encruzilhada” para se pensar o entroncamento de textos e contextos no âmbito do Atlântico Negro, à procura de pontos de contato do inesperado. Tanto no Brasil como nos EUA, as literaturas negras se distinguem como formas de saber carregadas de legados e significações de origem africana. Através de uma perspectiva de análise cultural ampla, pode-se visualizar o cruzamento de literaturas de afrodescendentes no espaço regido pelo egrégio *trickster* africano Exu, o qual transcende as fronteiras de tempo e espaço. Esse protagonista que atua entre deuses e humanos é produto da cosmovisão dos iorubás, os quais, de modo semelhante aos antigos gregos, são caracterizados por sua riqueza artística e poética. (Thompson, 1984) Em

comparação com o mensageiro e intérprete das divindades gregas Hermes, de cujo epíteto deriva a palavra “hermenêutica”, o nome de Exu também pode ser associado aos “princípios metodológicos da interpretação de textos negros”, como propõe Henry Louis Gates, Jr. ao sublinhar a adequação de uma expressão iorubá, cunhada pelo escritor nigeriano Wole Soyinka, para descrever os prolegômenos de uma teoria literária afro: “*Esu-’tufunaalo*, literalmente ‘aquele que desvenda os nós de Exu.’” (Gates, 1989, p. 9) Sendo a divindade que abre caminhos nos interstícios entre as fronteiras, Exu é uma metáfora da conexão imaginativa que permite cruzar literaturas negras nas Américas e reconstituir percursos culturais e identitários. Moyo Okediji observou que “[a]o contrário de Prometeu, que foi pego e punido pelos deuses por roubar fogo” do Olimpo, “Exu desafia a detecção e evade-se do cativo e encarceramento.” (Okediji, 2013, p. 233) Quando são averiguados textos que dão testemunho da sobrevivência de afrodescendentes, apesar das históricas investidas contra sua subjetividade, percebe-se que seu paradigma de produção cultural se aproxima do simbolismo de uma divindade transgressora, que se camufla e dissimula perante limites que são incapazes de a deter. Desacorrentadas, portanto, essas literaturas devem ser estudadas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho revela conexões textuais e contextuais entre autoras como Mãe Beata de Yemonjá (1931-2017), nascida no Recôncavo Baiano, e Maya Angelou (1928-2014), nascida em Saint Louis, Missouri, EUA, mas que passou a infância na cidade de Stamps, no Arkansas. Recôncavo e Stamps são palavras que traduzem territórios de sujeitos desterritorializados. Na retradução de contextos carregados de sentido e história, propõe-se a releitura de tais palavras de modo experimental como África (Re)côncava e África (E)stampada ou África Marcada. Quando se trata de refletir sobre palavras, sempre há espaço para questionamentos a respeito de sua própria leitura. Se perguntarmos até que ponto seria possível ler a acepção de uma palavra, inevitavelmente, moveríamos a discussão para o campo da tradução, neste caso, a tradução intercultural, interposta entre culturas afrodiáspóricas.

A escrita de mulheres negras constitui uma modalidade de descolonização. Para Frantz Fanon, “[a] imobilidade à qual é condenado o colonizado só pode ser questionada se o colonizado decidir pôr termo à história da colonização, à história da pilhagem, para fazer existir a história da nação, a história da descolonização.” (Fanon, 2015, p. 68) Assim, a descolonização por meio da escrita literária busca romper com os legados sociais e psíquicos das estruturas coloniais ao

reescrever a história de sujeitos negros aos quais são relegados os lugares mais inferiores da sociedade. A literatura eclode, portanto, como um poderoso armamento cultural, que permite transgredir barreiras sociais e ultrapassar posturas que ainda sustentam visões estereotipadas do sujeito negro. Mãe Beata declara a missão histórica dos seus textos nas seguintes palavras: “Escrevendo meus livros, trato de documentar pelo menos um pouco da nossa trajetória que vem passando de boca em boca desde os navios negreiros.” (*apud* Costa, 2010, p. 126) Para Maya Angelou, a literatura também possui implicações sócio-históricas: “Escrevo porque sou uma mulher negra que ouve atentamente o seu povo que fala.” (ANGELOU, 1984, p. 4)

Por meio dessa escrita descolonizada, é possível ir além, por exemplo, da narrativa ideológica da democracia racial brasileira, que promete uma irreal sociedade harmoniosa sem racismo aos afrodescendentes ao mesmo tempo que os força a romper os laços com suas origens africanas. Na cercania de Salvador, a grande metrópole do Atlântico Negro, chamada de “Roma Africana/Negra” ou “Meca da Negritude”, (Rodrigues, 2015, p. 47) o crescimento da escritora afro-brasileira ocorreu ao pé de sua bisavó, “escrava de dentro” originária de Tapa, na Nigéria, de quem pôde ouvir muitas histórias e lições de vida. Como testemunha a autora:

Eu digo o tempo todo: quando chegar a hora da minha partida, quando os donos do *ayê* me chamarem, eu morrerei contente e feliz. [...] Sou uma mulher, uma cidadã brasileira, uma mulher negra, mãe de quatro filhos sem pai, uma menina que aprendeu a ler nas folhas de jornais velhos. Só tenho o terceiro ano primário, mas a vida me ensinou tudo o que eu precisava. (*apud* Costa, 2010, p. 72)

À luz da história dos deslocamentos de tradições e sujeitos africanos que pela geografia de recôncavos entraram no Brasil na condição de escravos, pode-se afirmar que há uma “reconcavidade negra” que se irradia para além da Bahia. Quando a presença de filhos do Recôncavo em outras partes do país mantém as tradições africanas no radar, isto significa o fortalecimento de narrativas de origem, como diz Mãe Beata: “Digo que fui gestada no Recôncavo e parida no Rio de Janeiro” (*apud* Costa, 2010, p. 91) Desse lugar prenhe de culturas afrodescendentes surge o próprio candomblé, “nome dado à religião dos orixás formada na Bahia, no século XIX, a partir de tradições dos povos iorubás, ou nagôs, com influências de costumes trazidos por grupos fons, aqui denominados jejes, e residualmente por grupos africanos minoritários.” (Prandi, 2005, p. 20-21) Tais deslocamentos para fora do Recôncavo Baiano tinham origem também na aspiração de liberdade após o fim de séculos de cativeiro. Em outras palavras, “[m]igrar para outras localidades em busca de trabalho, ou para romper com antigos vínculos que os ligavam aos ex-senhores, foi uma forma de efetivar a liberdade.” (Fraga

Filho, 2006, p. 28) Em seu poema “Sonho de Escravo”, Mãe Beata retrata o drama de um negro escravizado no calabouço. Ele gritava, chorava e gemia em meio a açoites que tingiam “seus trapos” de sangue. Comia “crureira”, era “marcado com ferro em brasa”, mas “ninguém o ouvia”. Mesmo assim, não deixou de sonhar: “Eu sonho com liberdade/ Será que esse dia virá?” (*apud* Costa, 2010, p. 140)

A saída do Recôncavo Baiano tinha como destino o estado do Rio de Janeiro, para onde Mãe Beata migrou em busca de melhores condições de vida, adotando como residência até o seu falecimento o bairro de Miguel Couto, na cidade de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, onde está localizado também o seu terreiro, Ile Omiojuaro. A localidade é notória pela falta de serviços públicos básicos e pobreza de muitos de seus habitantes. Nos tempos coloniais, a área era conhecida como Recôncavo da Guanabara, suprindo a cidade do Rio de Janeiro com mercadorias provenientes de fazendas e engenhos movidos a mão de obra escravizada. (Bezerra, 2010) Quando seu terreiro foi reconhecido como Patrimônio Cultural, a ialorixá escritora definiu a Baixada Fluminense como “esse grande pedaço de África” (*apud* Lins, 2015), fazendo referência à histórica presença africana no território por meio do expressivo número de afrodescendentes que habitam a região.

Maya Angelou, por sua vez, passou a infância na pequena Stamps, no estado sulista do Arkansas, onde cresceu na companhia da avó, do irmão e do tio. Nomeada em homenagem a um antigo colono da área, Hardy James Stamps, a cidade guarda no nome um significado para além da designação de um lugar para os afro-americanos. “Selo”, “carimbo”, “marca”, algumas das acepções comuns da palavra *stamp* abrem caminho para se discutir a formação cultural da autora. Seus passos ali foram definidos por marcas legadas por um passado de escravidão, em que pessoas de origem africana, marcadas na pele a ferro e fogo, eram submetidas a uma subvida através de violência física e psicológica. Abolida a condição de escravos, os negros continuaram sob o jugo de um sistema social que os inferiorizava por meio de marcas que passaram a definir seu ser. Em uma cidade que preserva a memória do colonizador branco escravocrata no nome, o isolamento forçado dos negros se conservou de tal maneira que Angelou admite que quando criança, os brancos compunham outro mundo que não fazia parte de sua realidade. Afinal, tratava-se de pessoas que deveriam ser temidas:

Em Stamps, a segregação era tão completa, que a maioria das crianças negras não sabia realmente, em absoluto, como eram os brancos. Sabiam que eles eram diferentes, para serem temidos, e nesse temor estava incluída a hostilidade dos destituídos de poder contra os poderosos, dos pobres contra os ricos, do trabalhador contra o patrão e dos maltrapilhos contra os bem vestidos. (Angelou, 1996, p. 30)



Não obstante, a pequena Stamps também legou a Maya as marcas do senso de comunidade. Sua principal obra autobiográfica, *I Know Why the Caged Bird Sings*, não apenas narra suas experiências de vida do inesperado ponto de vista de uma mulher negra que cresceram na segregada região sul dos EUA, mas também “descreve a comunidade negra do Sul como aquela que cuida dos seus membros e os ajuda a sobreviver em um ambiente tão antagônico”. (Mcpherson, 1990, p. 35) A obra é dedicada a seu filho e a “todos os fortes pássaros negros da promessa que desafiam adversidades e divindades e cantam suas canções”. (Angelou, 2004, p. 3) Todos esses pássaros negros representam uma comunidade afro-americana que sobrevive em luta, desafiando quaisquer infortúnios em sua jornada de vida.

Assim, o presente experimento tradutório e comparativo de entrecruzar literaturas contemporâneas de mulheres afrodescendentes e seus contextos realça questões identitárias e políticas das trajetórias culturais de sujeitos negros na Diáspora Africana, bem como o impacto sociocultural de suas obras. Pelas margens dos estudos literários, amplia-se, portanto, a compreensão crítica das literaturas contemporâneas de afrodescendentes e da agência de sujeitos cuja escrita está vinculada ao seu processo de formação identitária.

## CONCLUSÃO

Apesar de as autoras aqui destacadas realçarem a importância da ancestralidade africana, a realidade diaspórica de cada uma delas exige consideração quanto às suas especificidades, razão pela qual as formas culturais locais foram expostas com a devida atenção à sua história própria. O foco do trabalho comparativo está em imagens das tradições da Diáspora Africana presentes em suas narrativas, que, empregadas como armamento de luta cultural, possibilitam a superação dos limites impostos à sua subjetividade negra. Desta forma, articula-se o entrecruzamento de escritas que ainda não foram cotejadas, ampliando a compreensão de espaços comparatistas nos estudos de literaturas contemporâneas.

Como já alertou a crítica Carole Davies (1995), é necessário “ouvir” e “fazer ouvir” as vozes das mulheres negras, especialmente porque apesar de muitas delas falarem, ainda há limites para que suas vozes sejam ouvidas plenamente. Escrevendo sobre Mãe Beata de Yemonjá, uma mulher que se define como “lutadora” de sua religião e raça, ouve-se a voz de um sujeito que afirma sua identidade em um contexto que manteve o cerco aos afrodescendentes por via do racismo ou da



perseguição religiosa. Mãe Beata é ialorixá (sacerdotisa) do Candomblé, religião que os africanos escravizados formaram no Brasil mediante tradições oriundas sobretudo dos iorubás, mas também com a contribuição dos fons e de outros grupos da África. Até o início do século XX, esta religião afro-latino-americana, que J. Lorand Matory descreveu como “religião atlântica negra”, sofria repressão policial, sendo associada a práticas criminosas. Lutando em prol da valorização de sua herança africana, Mãe Beata lança mão de uma forma de expressão marcada por contos e poemas para traduzir suas experiências como mulher afrodescendente possuidora de uma sabedoria ancestral e cuja escrita intenta passar seus conhecimentos adiante.

Este trabalho contribui, portanto, para ecoar a mensagem das literaturas de mulheres negras cujas vozes querem se fazer ouvidas através de textos nascidos em suas experiências de vida, em constante luta contra a “tripla discriminação”, por serem mulheres, negras e pobres. Os textos são verdadeiros testamentos de sobrevivência que, em uma encruzilhada semiótica, reescrevem criticamente o presente quando traduzem o passado. O estudo de vidas e obras de autoras afrodescendentes e a aproximação de diferentes trajetórias afrodiáspóricas indicam as inúmeras possibilidades de trocas e interconexões imaginárias entre sujeitos negros, bem como possibilitam a exploração de universos culturais significativos no escopo amplo da temática história e cultura afro-brasileira especificado pelas leis 10.639/2003 e 11.645/2008.

## REFERÊNCIAS

ANGELOU, Maya. *The collected autobiographies of Maya Angelou*. New York: The Modern Library, 2004.

\_\_\_\_\_. *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*. Trad. Paula Rosas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

\_\_\_\_\_. Shades and Slashes of Light. In: EVANS, Mari (Ed.). *Black women writers (1950-1980): a critical evaluation*. Nova York: Anchor, 1984, p. 3-5.

BASTIDE, Roger. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1973.



BEZERRA, Nielson Rosa. *Mosaicos da escravidão: identidades africanas e conexões atlânticas do Recôncavo da Guanabara (1780-1840)*. Tese de Doutorado. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

COSTA, Haroldo. *Mãe Beata de Yemonjá: guia, cidadã, guerreira*. Rio de Janeiro: Garamond; Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

COUTINHO, Eduardo F. *Literatura comparada na América Latina: ensaios*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

DAVIES, Carole Boyce. Hearing black women's voices: transgressing imposed boundaries. In: DAVIES, Carole Boyce & OGUNDIPE-LESLIE, 'Molara (eds.). *International dimensions of black women's writing*. Londres: Pluto Press, 1995, p. 3-14.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. In: AFOLABI, Niyi *et al.* (orgs.). *A mente afro-brasileira*. Trenton: África World Press, 2007, p. 103-112.

\_\_\_\_\_ (org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis afrodescendente: escritos de caramujo*. 2nd ed. Rio de Janeiro: Pallas; Belo Horizonte: Crisálida, 2009.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

FRAGA FILHO, Walter. *Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

GATES, Jr., Henry Louis & SMITH, Valerie A. (eds.). *The Norton Anthology of African American Literature*. 3ª ed. Nova York: Norton, 2014, v. 1.

GATES, Jr., Henry Louis. *The signifying monkey: a theory of African-American literary criticism*. Nova York: Oxford, 1989.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

LINS, Marina Navarro. Terreiro da Mãe Beata de Iemanjá, na Baixada Fluminense, vira Patrimônio Cultural. *Extra*, 19 out. 2015. Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/rio/terreiro-da-mae-beata-de-iemanja-na-baixada-fluminense-vira-patrimonio-cultural-17809815.html>>. Acesso em: 21 out. 2015.

MACHADO, Rodrigo Vasconcelos (org.). *Panorama da literatura negra ibero-americana*. Curitiba: Imprensa UFPR, 2015.

MCPHERSON, Dolly A. *Order out of chaos: the autobiographical works of Maya Angelou*. Nova York: Peter Lang, 1990.

MOTT, Luiz. Rosa Egipcíaca: uma santa africana no Brasil colonial. *Cadernos IHU Ideias*, São Leopoldo, n. 38, 2005, p. 1-20.

OKEDIJI, Moyo. Èsù Elegbara and Prometheus. In: *Èsù: Yoruba god, power, and the imaginative frontiers*. Durham: Carolina Academic Press, 2013, p. 231-242.

OKPEWHO, Isidore et al. (eds.). *The African Diaspora: African origins and New World identities*. Bloomington: Indiana University Press, 2001.

PRANDI, Reginaldo. *Segredos guardados: orixás na alma brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RODRIGUES, Felipe Fanuel Xavier. (Re)tradução intercultural de literatura afrodescendente e seus contextos. *PALARA: Publication of the Afro-Latin/American Research Association*, College of Charleston, Charleston, SC, Fall, n. 19, p. 42-72, 2015.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. A arqueologia literária como metodologia fundamental para o estudo das literaturas afro-americana e afro-brasileira. In: BERUTTI, Eliane Borges (org.). *Feminismos, identidades, comparativismos: vertentes nas literaturas de língua inglesa*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012, p. 79-90.

\_\_\_\_\_. *Escritoras negras contemporâneas: estudos de narrativas: EUA e Brasil*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)*. 2011. 448f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

SILVA, Tatiana Dias & GOES, Fernanda Lira (orgs.). *Igualdade racial no Brasil: reflexões no Ano Internacional dos Afrodescendentes*. Brasília: Ipea, 2013.

THOMPSON, Robert Farris. *Flash of the spirit: African & Afro-American art & philosophy*. Nova York: Random House, 1984.